

6

Considerações finais

Com base em nossa revisão bibliográfica e estudo de campo, podemos formular uma pergunta e buscar respondê-la: o que querem nossos adolescentes, em termos de relações amorosas, tanto hoje como para o futuro? Obviamente não podemos fazer generalizações baseando-nos em uma amostra tão reduzida, mas é possível elaborar hipóteses que ampliem nosso horizonte sobre o assunto.

Vivemos atualmente em uma sociedade em que o “rápido” é extremamente valorizado. Os meios de comunicação têm uma importante colaboração para isso, já que, cada vez mais, temos notícias, em tempo real, sobre acontecimentos longínquos, ocorridos do outro lado do mundo, bem como podemos nos comunicar com bastante facilidade com pessoas distantes, trocando informações quase instantaneamente. Da mesma maneira, temos cursos universitários, de idiomas, de informática, entre outros, cujo atrativo destacado em anúncios é o fato de terem curta duração, já que, nos dias de hoje, considera-se que ninguém dispõe de anos para aprender tais coisas. No campo das psicoterapias, resultados rápidos são cada vez mais requisitados, de forma que muitas vezes recorre-se a místicos, que prometem soluções em pouco tempo.

Em termos de relacionamentos humanos, cada vez mais ouvimos falar de uma juventude que deseja apenas relacionamentos efêmeros, descompromissados, que não impliquem em um maior envolvimento afetivo. Assim, nossos adolescentes muitas vezes são classificados de narcisistas, por ansiarem apenas por uma auto-satisfação imediatista, aparentemente tão diferente do que seus pais tinham como plano de vida.

Em nossos estudos, obtivemos um panorama bastante diferente do referido acima. A forma de relacionamento citada pelos sujeitos como a mais freqüente na atualidade foi o “ficar”, uma relação inicialmente sem compromisso, mas que funciona como uma espécie de “teste”, para que se conheça uma outra pessoa, verifique se há afinidade, se é possível desenvolver um sentimento de amor, para, então, poder vir a namorar. Considerando que os entrevistados citaram como principais itens necessários para um relacionamento dar certo o amor, a fidelidade e a confiança, nos parece um erro acreditar que os jovens não desejam se envolver

afetivamente, já que, pelo contrário, parecem ansiar por relações verdadeiras, das quais buscam certificar-se através do “ficar”, que seria uma forma de evitar uma decepção futura. A adolescência é uma época em que a insegurança se faz presente de forma marcante, e o indivíduo busca experimentar, ensaiar, testar, para que não se frustre facilmente, e esse código de relacionamento parece dizer respeito a essa experimentação, o que pode nos fazer concluir que ele seja muitas vezes mal compreendido pelas gerações que não o vivenciaram, e que consideram-na apenas como algo passageiro, vazio de significado. Grande parte das meninas e alguns meninos entrevistados destacaram o fato de o namoro ser uma restrição, fazendo com que o indivíduo esteja “preso” a outra pessoa através de um compromisso. Talvez possamos pensar se há um medo de prender-se a um relacionamento falso, em que haja um comprometimento formal, mas que não envolva “uma emoção mais forte”, “uma atração maior”, como dois entrevistados se referiram ao amor. Desta forma, “ficam” com uma outra pessoa sem que haja um sentimento maior, mas só namoram quando este existe, o que nos parece uma posição mais autêntica do que a que víamos até o século XIX, quando amor e casamento eram coisas desvinculadas, sendo afeto e afinidade desprezados.

Os jovens por nós estudados podem ser vistos como românticos, pois estão à espera da “pessoa certa” para um namoro, relacionamento considerado “mais sério”, e que, por isso, gera inseguranças, o que é evitado pelo “ficar”, como um sujeito apontou com clareza. Podemos, no entanto, conjecturar se há alguém que realmente se encaixe nessa classificação, ou se ela seria uma figura idealizada, sem defeitos, que não levaria a quaisquer frustrações. Assim, essa espécie de “príncipe” ou “princesa” encantados corresponderiam, na realidade, à mesma projeção dirigida aos pais da infância, que na adolescência transformam-se em “sapos”, caindo de pedestais, com suas imperfeições vindo à tona, de forma que “a pessoa certa”, pode ser vista como uma última esperança de haver alguém perfeito. Há nisto uma idéia de alguém que será “a outra metade”, completando o indivíduo como a mãe primitiva fazia, em um estado de fusão com o bebê, de maneira que, a partir do momento em que se assume essa completude como algo inatingível, é possível estabelecer relações objetais adultas, o que espera-se que ocorra no final da adolescência.

Os participantes de nosso estudo mostram alguns padrões e referenciais semelhantes aos de gerações anteriores, especialmente no que se refere à diferença

de gêneros. Foi comentado por nossos sujeitos sobre a visão depreciada que se tem de uma mulher que “fica” ou tem relações sexuais com várias pessoas, enquanto o homem em situação similar é valorizado; falou-se sobre a maneira distinta como é concebida a virgindade masculina e a feminina, sendo a última considerada como mais importante; além disso, houve comentários sobre a posição feminina de esperar a iniciativa masculina, para não ser “mal vista” por outros indivíduos. Parece-nos que nossos adolescentes utilizam um código de relacionamento atual, porém mostram ter herdado parâmetros tradicionalistas, fruto de uma sociedade cuja diferenciação entre os gêneros muitas vezes privilegia o homem, a quem é permitido certas coisas que desvalorizariam a mulher. Duas de nossas entrevistadas mostram um rompimento com esse padrão, ao afirmarem que são explícitas quando desejam “ficar” com alguém, sendo que apenas uma refere-se a uma ausência total de preconceitos nos dias de hoje.

Atualmente ouvimos falar de uma precocidade na iniciação sexual, especialmente no que se refere às camadas menos privilegiadas economicamente, e de uma certa impulsividade e inconseqüência dos jovens do presente, sendo relevante a quantidade crescente de adolescentes grávidas. Nossos estudos novamente mostram-nos algo diferente, o que talvez possamos atribuir à amostra reduzida. Apenas uma menina por nós entrevistada já havia perdido a virgindade, e todas disseram considerar, tanto a primeira relação sexual como as demais, como algo importante, que deve ser feito com uma pessoa “especial”, sendo contrárias a que ela ocorra na primeira vez que se “fica” com alguém. Há, portanto, ideais de compatibilidade e afinidade comparáveis aos propostos pela geração da chamada “revolução sexual”, quando tais aspectos passaram a ser importantes para que o sexo e as relações como namoro e casamento ocorressem. Da mesma maneira, o fato de os garotos citarem a virgindade como algo que não é essencial, para que se relacionem ou não com uma garota, também reflete a herança da citada geração, já que, até então, a mulher, para ser bem vista pela sociedade, deveria casar-se casta. A posição da totalidade dos sujeitos contra a gravidez na adolescência, especialmente devido à impossibilidade de sustentar um filho, também aponta para uma preocupação em relação ao sexo, diferente da leviandade muitas vezes atribuída ao indivíduo nessa fase do desenvolvimento. Assim, podemos levantar a hipótese de que os adolescentes de hoje não possuem uma visão sobre virgindade, sexo e gravidez oposta à de seus pais, ou mesmo

avós, como costuma-se pensar, havendo, pelo contrário, um pensamento mais semelhante do que geralmente se imagina. Nossos jovens não parecem querer apenas obter prazer a qualquer custo, mas desejam tê-lo, especialmente as meninas, com pessoas com quem possuem uma relação afetiva, sendo a “primeira vez” permeada por medos e expectativas, diferente do que geralmente se fala sobre indivíduos desta faixa etária, considerados como precoces, se comparados com outras gerações.

Nossos adolescentes, como outros, de diferentes épocas, querem sair, aprender coisas novas, descobrir, com a ajuda de seus pares, o que a vida pode lhes oferecer, buscando distinguir o que é positivo do que pode lhes causar danos. Este é um momento em que o papel dos pais é crucial, no que diz respeito à imposição de limites, que servem como uma segurança para o jovem, mesmo quando são transgredidos. É importante que os genitores se dêem conta do quanto seus filhos cresceram, mas também de como ainda são imaturos, parcialmente incapazes de perceber coisas que lhes são nocivas, encontrando um meio termo entre tratá-los como crianças e vê-los como adultos maduros. Os limites, muitas vezes pensados pelos pais como possíveis causadores de “traumas”, são essenciais e, mesmo quando criticados pelos adolescentes, são sentidos como uma forma de cuidado, de proteção, fundamental para alguém que passa por um período do desenvolvimento marcado por uma maior fragilidade. Podemos perceber isto na fala de nossos sujeitos, quando afirmam que darão aos próprios filhos a mesma liberdade que lhes é dada, porém imaginam-se com preocupações semelhantes às que seus pais têm, sobre os locais que freqüentam, suas companhias, etc., o que demonstra que, mesmo incomodados com o controle exercido pelos pais, este parece ser visto como algo positivo.

Um assunto geralmente visto com preocupação diz respeito ao futuro de nossos adolescentes, que um dia virão a constituir a mão-de-obra trabalhadora de nosso país, além de governá-lo, tomando decisões sobre seus rumos. A taxa de evasão escolar no ensino médio, no Rio de Janeiro, chega a 16% (O Globo – 21/08/03), o que é algo alarmante, especialmente no que se refere a uma perspectiva de termos adultos com baixa escolaridade, o que possivelmente os levará a buscar empregos que exigem pouca qualificação e que, conseqüentemente, os remunerará mal. Os jovens por nós entrevistados mostraram-se consonantes com tal preocupação, já que todos indicaram como um

plano importante a aquisição de um emprego, tendo muitos se referido a cursar uma faculdade. Isto condiz com alguns dos aspectos que marcam a entrada na idade adulta, mas também pode ser visto como algo que diz respeito à realidade sócio-econômica brasileira, vivida de maneira mais drástica pelas chamadas classes populares, segmento social ao qual nossos sujeitos pertencem, de forma que alguns citaram as dificuldades financeiras que suas famílias já enfrentaram, e o desejo de não passarem por situações semelhantes. Obviamente não temos a possibilidade de prever se tais projetos se concretizarão, se esses adolescentes terão sucesso no que hoje pretendem realizar, ou mesmo se buscarão outras opções, mas possuir planos é um indicativo da existência de uma esperança essencial para que venham a se esforçar e trabalhar em prol de seus sonhos. Uma de nossas entrevistadas referiu-se a uma falta de esperança causada principalmente pela situação econômica em que vive, porém, ainda assim, expôs seus planos e mostrou-se desejosa de realizá-los. Parece-nos que essa descrença no futuro é própria de indivíduos mais velhos, e seria extremamente nociva para nossa sociedade caso ela assolasse também os jovens.

É bastante comum o pensamento de que os adolescentes de hoje não possuem uma perspectiva de casamento e formação de família, devido à forma como se relacionam e à quantidade de pessoas com quem “ficam” em curtos espaços de tempo. Baseando-nos em nossas entrevistas, observamos, especialmente nas meninas, o desejo de uma união, formal ou não, com alguém, com o plano de ter filhos, sendo este um dos projetos de futuro da maioria delas, além de ter sido algo citado também pelos meninos. Novamente, pudemos constatar ideais que não contradizem as gerações anteriores, mas constituem-se muito mais como uma continuação dos valores das mesmas, o que parece nos confirmar o fato de que os relacionamentos rápidos, passageiros, são nada mais do que buscas por uma pessoa, visando um futuro relacionamento mais duradouro.

Nosso estudo de campo teve como opção a entrevista com jovens das chamadas “camadas populares” de nossa sociedade, sendo eles membros de um segmento social desprivilegiado economicamente, que vive com dificuldade, mas que, no entanto, não possui uma carência como aqueles que vivem em estados-limite de miséria, fome, falta de moradia, etc., de maneira que todos nossos sujeitos estudam, a grande maioria em colégios públicos, possuindo renda familiar média entre R\$480 e R\$1800. Comparando nosso material com o de outros

trabalhos, não nos pareceu haver, nas opiniões fornecidas, uma diferença significativa relativa à distinção de classes sociais. Como os demais adolescentes, nossos sujeitos encontram-se em um período de instabilidade, em que buscam a identificação com grupos de iguais, nos quais conseguem amenizar a insegurança causada pelo “abandono” dos pais da infância. Assim, saem, “ficam”, namoram, desejam uma profissão, preocupam-se com seu futuro, tal como parecem fazer os jovens dos segmentos economicamente elevados da população brasileira, sendo que talvez uma distinção esteja no fato de sua origem social ter-lhes feito passar por experiências de dificuldades distintas das dos últimos.

Podemos, a partir de todo este panorama, retornar à nossa pergunta inicial, que, de forma sintética, poderia ser respondida da seguinte forma: nossos jovens não parecem querer nada absurdo, tão diferente das gerações anteriores, sendo seus parâmetros e ideais muito semelhantes aos das mesmas, havendo, no entanto, a utilização de certos recursos criados recentemente. Finalmente, podemos concluir que os adolescentes por nós estudados, parecem, à primeira vista, possuir idéias opostas às dos próprios pais, utilizando o “ficar” como o código de relacionamento mais freqüente, desejando ter uma liberdade sem o controle parental, transgredindo, por vezes, limites, tudo em busca de uma identidade própria, independente de seus genitores. Entretanto, por outro lado, mostram que internalizaram padrões transmitidos por aqueles de quem parecem divergir, como ideais de amor, namoro, formação de família, futuro, semelhantes às dos mesmos, o que aponta para um rompimento em relação à família, porém que não se faz de maneira total. Assim, parece que podemos, de alguma forma, confortar os pais de adolescentes, que muitas vezes encontram-se “perdidos” no trato com seus filhos, já que nosso estudo pôde indicar o quanto seus valores foram passados com sucesso para os mesmos. Talvez seja importante, ainda, que sejam lembrados do quanto seus próprios genitores, os avós destes jovens, também devem ter-se visto alarmados na época em que eram eles os “rebeldes”, o que, mais do que uma peculiaridade dos tempos atuais, compõe uma característica inevitável para a passagem à maturidade.